

O Conde de Gramercy Park



Condensação do livro de ROBERT HAYDEN ALCORN

A história do criminoso mais extraordinário da América — contada pelo filho do promotor público que lhe mostrou que o crime não compensa



O CONDE DE GRAMERCY PARK

GVINCENT COLWELL, como êle próprio se chamava, garboso, de casaca e gravata branca, percorreu com o olhar o seu salão de recepções elegantemente mobiliado e ouviu sem interêsse os últimos acordes do conjunto de cordas. Com os dedos compridos, quase femininos, cofiou o bigode cuidadosamente aparado, enquanto olhava com satisfação os seus convidados. Estavam presentes os ricos Hambletons, os Blenhams, socialmente impecáveis e em ótima situação financeira, os Hedley-Mertons, e a idosa Sr.^a Humphrey van Gedden—uma opulenta amostra da alta sociedade nova-iorquina. A lista de convidados era pequena, umas 50 pessoas, mas seleta.

Os Colwells, aquêlê “jovem e simpático casal inglês” que se mudara havia pouco para o elegante bairro Gramercy Park, especializavam-se em serões musicais, e êsse fôra particularmente bem sucedido. Os aplausos ecoaram pelo salão quando as últimas notas foram executadas. A Sr.^a Hedley-Merton aproximou-se impulsivamente e estendeu a mão gorducha, guarnecida de brilhantes.

—Linda festa, Sr. Colwell, simplesmente encantadora.

E, após dar-lhe umas palmadinhas afetuosas na mão, a senhora se afastou.

O Sr. Colwell se inclinava com polidez enquanto seus convivas o cumprimentavam efusivamente, elogiando a música e o champanha. Um sorriso sardônico brincava em seus lábios finos enquanto êles falavam da música; pois Colwell sabia que todos êles estavam apenas repetindo os comentários do programa.

Colwell estava olhando para a esposa, que se encontrava do outro lado do salão, quando a Sr.^a van Gedden lhe segurou o braço.

—Meu caro Sr. Colwell—murmurou ela—para lhe ser franca, eu não devia ter vindo; não estava me sentindo nada bem pela manhã, mas vocês foram tão gentis prometendo-me Brahms no convite, que eu não pude resistir.

—O Brahms foi especialmente para a senhora.

A voz educada de Colwell tinha uma inflexão precisa e correta, quase inglesa, mas não completamente.

—Pois foi adorável, simplesmente divino. Preciso ver a Sr.^a Colwell para lhe dizer boa-noite. Foi uma festa encantadora.

Juntos êles foram ao encontro de

Betty Colwell, que também falou com um leve sotaque inglês ao oferecer a mão à Sr.^a van Gedden.

—A Sr.^a foi muito gentil vindo à nossa festa. Meu Deus, que bonitas pérolas. Perdoa-me a referência?

As pálpebras da Sr.^a van Gedden agitaram-se alvoroçadas. Inclinou-se para a frente e disse em tom confidencial:

—Usei-as tôdas esta noite . . . só por sua causa. (Sua mão tocou um comprido colar de duas voltas.) Estas foram o presente dos meus 25 anos de casada.—Deu uma risada e acrescentou, aproximando-se mais de Betty e falando pausadamente:—E estas, minha querida, foram da mãe de Humphrey. Não são lindas? São exclusivamente para as grandes ocasiões.

Colwell saiu com ela do salão e acompanhou-a até à escadaria. Ali, sustentando-a com firmeza pelo braço, ajudou-a a descer o comprido lanço, observando-lhe, durante tôda a descida, os pés inchados se avolumando para fora da borda dos sapatos de cerimônia. Ao chegarem ao saguão de entrada, êle falou com a criada:

—Ellen, traga o agasalho da Sr.^a van Gedden. Da Sr.^a van Gedden.

Colwell sublinhou o nome da senhora e seus olhos penetrantes de um azul-acinzentado se fixaram intensamente na criadinha. Ellen desapareceu no interior do vestiário, donde emergiu em seguida quase completamente oculta sob um imenso casaco de marta.

Enquanto a Sr.^a van Gedden pro-

feria banalidades sôbre a noite encantadora, Ellen ajudou-a a vestir o casaco. Custou um pouco ajeitar a comprida *écharpe* de sêda, mas Ellen auxiliou-a com habilidade e solicitude.

O chofer dos van Gedden esperava à porta. Êle segurou-a pelo braço direito e Colwell pelo esquerdo e, assim ajudada pelos dois homens, a Sr.^a van Gedden entrou na limusine que a esperava. Ainda estava tagarelando alvoroçada quando o carro partiu.

Colwell ficou a vê-lo afastar-se; depois, voltando-se rapidamente, tornou a entrar no palacete.

ERA MAIS de meia-noite quando a porta da mansão n.º 12 de Gramercy Park se fechou após a saída do último convidado. Isto é, todos se haviam retirado, à exceção de George Anderson, amigo íntimo dos Colwell, homem de aparência calma e reservada.

Betty tirara os sapatos e estava sentada com as pernas dobradas sob o corpo numa das enormes poltronas da biblioteca revestida de lambris. No outro lado da sala, cada um com um copo de uísque com soda, Colwell e Anderson estavam preguiçosamente esticados em fundas poltronas.

—Ellen já veio?—perguntou Colwell.

—Ainda não—respondeu Betty.

—Bem, eu gostaria de saber . . .

Colwell foi interrompido pelo tilitar insistente da campainha do telefone. Esticando a mão rapidamente

**ETERNIT
DESAFIA
O TEMPO...**



Fabricados com cimento e amianto da melhor procedência, os produtos ETERNIT possuem extraordinárias características de durabilidade, impermeabilidade e incombustibilidade, que garantem sua resistência à ação dos elementos da natureza.

SOLICITE GRATUITAMENTE FOLHETOS ILUSTRADOS À C. P. 7044, SÃO PAULO.

Chapas onduladas e lisas, Materiais de cobertura, Calhas, Tubos de esgoto, descarga e ventilação, Caixas d'água, Tubos de pressão...

Eternit

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S.A.

São Paulo * Rio de Janeiro

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL

te por cima do braço da poltrona, êle atendeu ao chamado. Betty e George ficaram a observá-lo com atenção.

—Oh, sim, Sr.^a van Gedden. É êle quem está falando. Não! Não posso acreditar. Que coisa profundamente desagradável.—Colwell levantou a mão, uniu o polegar ao indicador, e fêz os dedos estalarem.—Não, não, aqui não. No seu automóvel? Ou, quem sabe, na rua? Está claro, procuraremos com todo o cuidado. Oh, a Sr.^a Colwell vai ficar aborrecidíssima. Eu lamento tanto; mas estou certo de que elas aparecerão. Sim, sim, naturalmente. Boa-noite.

Colwell pousou o fone no gancho e ficou um momento a contemplá-lo.

—Betty, quer tocar a campainha chamando Ellen?

Colwell sorriu olhando o rosto rechonchudo de George Anderson.

Ellen não tardou a aparecer na sala. Seu uniforme de tafetá prêto parecia lamentavelmente pobre em contraste com o pesado colar de pérolas que lhe pendia do pescoço, cascadeando até quase à cintura.

—Não são lindas?—indagou ela, acariciando amorosamente as pérolas.

Depois tirou o colar, passando-o por cima da cabeça e entregando-o a George, que tirou os óculos e puxou de uma lupa de joalheiro.

Todos o observaram ansiosamente. George não tirou os olhos das pérolas quando declarou:

—São quase perfeitas demais.

Colwell interveio, de súbito:

—Quanto valem, Dutch? Mais ou menos?

“Dutch” Anderson afagou as pérolas apreciativamente.

—Cinqüenta, talvez uns 60 mil dólares, se tivermos a sorte. Você terá de se desfazer delas de uma a uma ou de duas a duas de cada vez.

—E se a Sr.^a van Gedden não se conformar e chamar a polícia, em vez de se limitar a comunicar o fato à companhia de seguros?—perguntou Betty.

Ellen respondeu no mesmo instante.

—Gerry não deixa que a polícia se meta em seus negócios. Êle é bastante esperto para isso.

—Até agora tem sido—retrucou Betty—e peço a Deus que êle continue tendo sorte.

—Acalme-se, pelo amor de Deus, sim?—A voz de Colwell era estridente.—A polícia nunca terá notícia disto. Ê tão simples. A velha senhora veio a uma festinha, a uma festinha com alguns amigos, não foi isso? Conhecia todo o mundo. E havia toneladas de pérolas, brilhantes e outras jóias, e ninguém perdeu coisa alguma, perdeu? Só ela perdeu. Perdeu as pérolas da mãe de Humphrey, mas tem esperança de achá-las. Se não achar, as pérolas estão seguradas.

—Colwell falava com excitação e rapidamente.—Estas estão no papo, garanto-lhes.

—Faço votos para que você esteja certo—observou Anderson.—Mas não estamos seguros de que a polícia não se meterá nisto.

—Como não? Estamos seguros, sim—respondeu Colwell com impa-

Nova York



em SUPER G CONSTELLATION



- os mais modernos aviões quadrimotores.
- luxo e conforto para 63 passageiros.
- poltronas reclináveis.
- esmerado serviço de bordo.
- tarifas de primeira classe e turista.



Ligando as Américas

VARIG

ciência. E, com um sorriso de satisfação, tirou do bolso uma fôlha de papel de carta, pesado e protocolar. —Ouçam estas palavrinhas que rabisquei antes do jantar:

“Minha cara Sr.^a van Gedden.

A Sr.^a Colwell e eu não sabemos como exprimir o nosso desgosto pela perda das suas pérolas. Como deve saber, reviramos a casa tôda de cima para baixo, mas em vão. Só podemos supor que a senhora as deixou cair na rua, ou mesmo no estribo do seu automóvel, e que tenham ido parar em mãos alheias.

Êste bilhete lhe será levado em mão, e com êle vai um pequeno testemunho da nossa estima e simpatia. Seria inútil tentar ‘substituir o insubstituível’, mas esperamos que esta pequena lembrança possa de algum modo compensá-la da sua perda.

Com os nossos mais calorosos cumprimentos, subscrevo-me,
Atenciosamente”

Colwell procedia com finura, naturalmente, e com esperteza. Ou seria apenas sorte, como dissera Betty? Fôsse como fôsse, a Sr.^a van Gedden procedeu exatamente como êle esperara.

Na manhã seguinte, Colwell foi a casa dela oferecer-se para ajudá-la a procurar as pérolas. E, com a simpatia agradável de que era capaz, desarmou por completo a senhora. Voltou convencido de que as pérolas estavam mesmo “no papo”, como

dissera a Betty, George e Ellen.

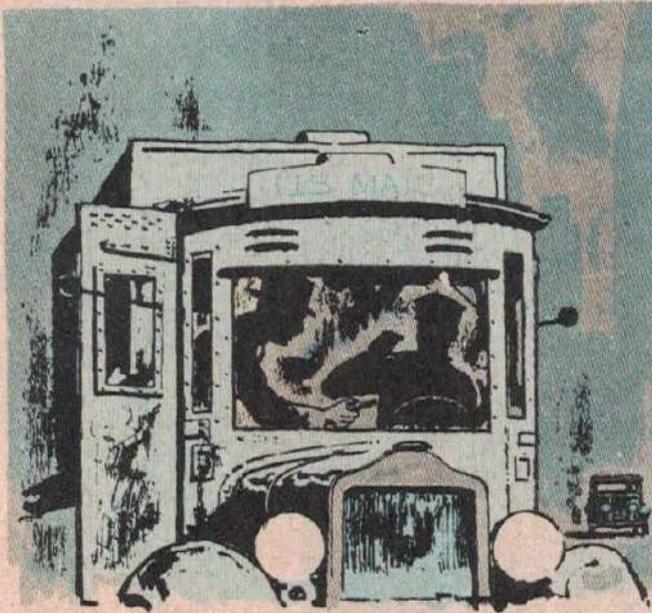
A companhia de seguros fôra cautelosa. Houvera anúncios e promessas de recompensa nos jornais. Um investigador da companhia visitara Betty e procedera a cuidadoso exame dos cômodos do n.º 12 de Gramercy Park, onde todos se mostraram solícitos e desejosos de colaborar.

Mas a polícia não entrara no jôgo e Colwell, com o seu bilhete, conquistara a lealdade e a admiração eternas da Sr.^a van Gedden. Com o bilhete e um pequeno broche de safiras, que George Anderson selecionara entre o produto de um outro “serviço”.

G. VINCENT COLWELL, cujo verdadeiro nome era Gerald Chapman, progredira muito desde o seu nascimento em Brooklyn uns 30 anos antes. Sua infância se caracterizara por um irresistível desejo de excitação e pelo desprezo pelas convenções. O simples prazer de cometer uma iniquidade e escapar impune tornou-se o impulso fundamental de sua carreira fantástica.

No princípio êle não tivera sorte. Em 1907 foi prêso por furto e cumpriu um ano de uma pena de dez antes de obter livramento condicional. Um mês depois de ser pôsto em liberdade foi prêso por invasão de domicílio e cumpriu mais três anos. Em 1911 de novo o prenderam por assalto à mão armada, e mandaram-no para a Prisão de Auburn, onde estêve até 1919.

O tempo que Gerald Chapman



passou na prisão não foi em vão. Ele passava horas na biblioteca da prisão, lendo, instruindo-se e praticando o seu sotaque britânico. Estudou os próprios erros passados e adquiriu uma sagacidade e habilidade poucas vezes igualada por qualquer outro delinqüente conhecido.

Foi durante a sua estada em Auburn que Chapman e Dutch Anderson se tornaram amigos inseparáveis. Dutch era um tipo calmo, despretenhioso, o contraste ideal para o temperamento versátil e mais ousado de Chapman. Anderson era de boa família e tivera tôdas as vantagens—instrução universitária, muito dinheiro e boas relações. Mas preferia a excitação do viver fora da lei. No correr dos anos se especializara em pedras preciosas, falsificação de documentos e em gravura e Chapman o procurava para orientação e conselho.

Durante a sua estada em Auburn, Gerald Chapman concebeu o grande plano de sua carreira: praticaria um

assalto verdadeiramente grande e depois se ocultaria no luxo anônimo do elegante East Side de Nova York. Chegou mesmo a conceber a idéia de qual seria o roubo—que iria celebrar-se nos anais do crime como o roubo da mala postal da Leonard Street—e planejou todos os detalhes possíveis enquanto estêve na prisão. Continuou planejando depois de ser pôsto em liberdade. Dia após dia ele observava o percurso regular do caminhão dos correios, e com satisfação descobriu que um único homem conduzia o veículo. Depois, juntamente com Dutch Anderson e outro ex-presidiário, Charlie Loerber, ensaiou o assalto meticulosamente, repetidas vezes.

Tôdas as tardes, na semana que antecedeu ao assalto, eles seguiam de automóvel o caminhão postal, observando todos os seus movimentos. Até que, no dia 24 de outubro de 1921, quando o motorista, que de nada suspeitava, parou num sinal vermelho, Chapman esgueirou-se para o lado dêle, encostou-lhe um 38 niquelado nas costelas e ordenou-lhe que entrasse numa rua transversal e estacionasse.

—Faça como se estivesse fazendo uma coleta de rotina—disse Chapman, falando calmamente, mas com uma gélida ameaça na voz.

O tempo os favoreceu porque um denso nevoeiro pairava sôbre a cidade, protegendo satisfatoriamente os assaltantes contra olhares indiscretos. Estacionados nas sombras nevoentas da Leonard Street, Dutch e Charlie

transferiram rapidamente as malas postais do caminhão para o automóvel de Chapman, e êste enfiou um saco de lona vazio pela cabeça do enfurecido e trêmulo motorista, amarrando-o fortemente abaixo dos cotovelos. Dentro de poucos minutos, breves mas repletos de ação, o trio corria pela cidade, na direção da ponte de East River, envôlta em nevoeiro. Transposta a ponte, êles se detiveram numa rua mal iluminada o tempo suficiente para mudarem as placas do carro.

Daí a uma hora se achavam no seu esconderijo previamente escolhido, um celeiro em ruínas, numa fazenda isolada e deserta. Ali, iluminados por uma lanterna que projetava sombras fantásticas, transportaram as pesadas malas postais, em número de oito, para um pequeno depósito de cereal que cheirava a môfo. Por ordem de Chapman, uma das malas foi separada das demais.

—Por que não separamos uma mala cada um?—sugeriu Charlie.—Seria muito mais rápido.

—Nem pense nisso—objetou prontamente Chapman.—Examinaremos juntos uma de cada vez, e creio que não preciso dizer por quê.

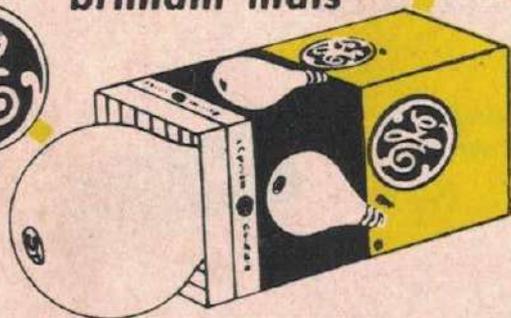
A correspondência contida na primeira mala foi despejada no chão e os três homens sentaram-se em volta abrindo os envelopes e deitando o que continham à sua frente. Depois de selecionados os valores, o dinheiro numa pilha, os *traveler's checks* noutra, os títulos e apólices noutra, Chapman anotou minuciosamente o



Aqui no
banco
só usamos
lâmpadas

G-E

Sempre
brilham mais



total, item por item, num caderno de notas. Um assobio baixo escapou-lhe dos lábios.

—Temos aqui 285.462 dólares—disse.—Se mantivermos esta média nas outras malas, estaremos bem.

As outras sete malas foram ainda melhores. Quando o último envelope foi aberto e somado o seu conteúdo, o rosto de Chapman se enrugou num sorriso. Havia um total de 2.643.720 dólares—dos quais mais de 375.000 em dinheiro.

—Dividiremos isso por três—anunciou Chapman—para que cada um receba igual quantidade de dinheiro e dos outros valores. Combinado?

Os demais acenaram com a cabeça, concordando.

Houve um silêncio prolongado, quebrado de súbito por um ruídozinho de arranhar. Fôra um rato que passara correndo por uma trave coberta de teias de aranha. Charlie Loerber olhou em volta nervosamente.

Chapman pousou o caderno de notas e consultou o relógio.

—Aposto que a estas horas, depois dum assalto como êste, já estenderam uma rede enorme para nos apanhar—disse.—Eu gostaria de ir até à cidade para comprar um jornal. Mas creio que o melhor é ficarmos aqui escondidos por uns dias. Como planejamos.

Então começou a segunda fase do grande plano de Gerald Chapman. Apresentando-se como G. Vincent Colwell, êle e a “Sr.^a Colwell” alu-

Além do

**COMBATE À DOR
e RESFRIADOS**

FONTOL

age positivamente como

**calmante
repousante
tranquilizador**



Nada melhor do que FONTOL para combater a dor e resfriados. FONTOL é excelente também sempre que V. se sentir deprimida, sempre que tiver um dia agitado pela frente, para devolver-lhe as energias... a alegria de viver! Confie em FONTOL!

O mais
ativo e sempre
inofensivo



garam a luxuosa residência do n.º 12 de Gramercy Park. Embora o motorista do caminhão dos correios houvesse identificado Chapman e Anderson na galeria de criminosos, a polícia foi incapaz de descobrir os dois homens no seu esconderijo grã-fino. Foi oferecida uma recompensa de 25.000 dólares, e todos os jornais publicaram longas e minuciosas reportagens sobre o que era descrito como o maior assalto da história norte-americana.

Gerald Chapman, "o Conde de Gramercy Park", como alguns amigos seus passaram a chamá-lo, deliciava-se com tudo aquilo. Ele adorava a excitação, o risco, a sensação de estar sendo procurado em todos os cantos do país. Lia tôdas as notícias, regozijando-se com os superlativos da imprensa, amaldiçoando os jornalistas quando subestimavam a importância roubada.

O que mais o divertia eram os cartazes que prometiam o prêmio pela sua captura, nos quais se viam o seu retrato e uma descrição do seu tipo. Ia às agências dos correios ver os cartazes e detinha-se diante dêles, contente por não haver retratos seus como G. Vincent Colwell, o homem de traje impecável, de bigode grisalho aparado, *pince-nez* prêso a um cordão de sêda prêto, chapéu de feltro, promotor de serões musicais freqüentados pela elite social nova-iorquina.

Gerald Chapman e Dutch Anderson empregaram de sociedade parte dos seus quinhões do assalto da Leonard Street no negócio de rum.

(Era no tempo da Lei Sêca.) Antes do crime ambos haviam sido contrabandistas de bebidas. Agora agiam apenas como especuladores, empregando grandes somas de dinheiro por trás das cortinas.

A sociedade prosperou. Outros roubos aumentaram as rendas, não que êles precisassem de mais dinheiro, mas apenas, como dizia Chapman, "para não perderem a prática". Havia também excitantes diversões, como o furto de que foi vítima a Sr.^a van Gedden, que lhes dava emoção. Mas o melhor de tudo era Gramercy Park e a segurança que êste lhes proporcionava. Durante oito meses a vida foi boa para a sociedade dos dois e para aquêle "jovem e simpático casal de ingleses".

NO DIA 3 de julho de 1922 o ar do meio-dia pesava, cálido, sobre a cidade: era uma combinação de monóxido, alcatrão e poeira, destilada pelo calor. No n.º 12 de Gramercy Park as venezianas escuras estavam cerradas, barrando a entrada da mortal umidade. Tendo dispensado o táxi em que viera e entrado em casa, Colwell deixou-se ficar um momento na obscuridade e no silêncio, saboreando o alívio da ofuscação e do calor do pavimento.

Dirigiu-se em seguida ao banheiro, molhou o rosto com água fria, afrouxou a gravata, depois subiu a escadaria atapetada. À porta da biblioteca parou e chamou em voz baixa: — Betty?

Das sombras do corredor saiu um



vulto que lhe encostou uma arma às costelas. Colwell introduziu a mão rapidamente no paletó para tirar o revólver niquelado. Mas era tarde demais: outro vulto surgiu da biblioteca e prendeu-lhe os braços atrás.

—Muito bem, Chapman. Nós gostaríamos de conversar com você.

Um detective arrebatou-lhe a arma, revistou-o e algemou-o.

Dentro da biblioteca Chapman viu Betty, também algemada. Ela quis falar-lhe, mas um dos detectives interceptou-lhe a palavra. Em silêncio, desceram todos as escadas e seguiram em dois automóveis para a chefia de polícia.

Na polícia, os interrogatórios prolongaram-se pela tarde sufocante. Gerald Chapman recusava-se a falar, respondendo astuciosamente às perguntas, tratando com certo desdém os seus inquisidores, embora fôsse evidente que os dois detectives à sua frente já sabiam demais: êles tinham em seu poder alguns dos *trav-*

eler's checks que êle descontara, e pela bandeira da porta Chapman ouviu mencionarem o nome de Charlie Loerber. Apesar disso, êle continuou negaceando, enquanto as perguntas se repetiam sem cessar no calor sufocante.

Por fim entrou um guarda e anunciou que Betty desmaiara. Um dos detectives saiu com o guarda para ver o que havia com ela, e Gerald Chapman ficou sozinho com o outro detective, que o observava apática-mente.

De repente, Chapman abriu a boca arquejante e abateu-se na cadeira, fazendo o corpo mole.

—Água! Um copo d'água—gemeu, revirando os olhos.

Impulsivamente, o detective correu a buscar água no bebedouro do corredor. Mal a porta se fechou atrás dêle, Chapman saltou da cadeira para a janela aberta. Oito andares abaixo, a rua fumegava sob o sol da tarde. Chapman respirou fundo. Depois no-



tou uma pequena saliência decorativa que circundava o edifício, cêrca de meio metro abaixo da janela.

Sem hesitar, Chapman guindou-se por sôbre o peitoril e desceu para a estreita saliência. Indiferente à altura estonteante, colou-se à parede e, movendo as duas mãos algemadas ao mesmo tempo, esgueirou-se pela parede até a primeira janela aberta. Cautelosamente, espreitou para dentro. A sala estava vazia.

Com um rápido impulso do corpo, projetou-se para o interior da sala. Enquanto estava ali arquejante, ouviu vozes excitadas no corredor dando o alarma. Com o auxílio de uma cadeira, Chapman trepou num armário de dois metros e meio de altura, onde se enroscou o mais que pôde, e esperou de costas para a sala.

De repente a porta foi aberta de par em par e entraram dois homens. Chapman ouviu-os andando pela sala, procurando embaixo da mesa e atrás dos arquivos. Os homens abriram a porta do armário e tornaram a fechá-la.

—Êle não iria esconder-se num lugar tão evidente—observou um dêles, dirigindo-se para a porta. Chapman soltou um pouco da respiração. No mesmo instante cessou o movimento embaixo.

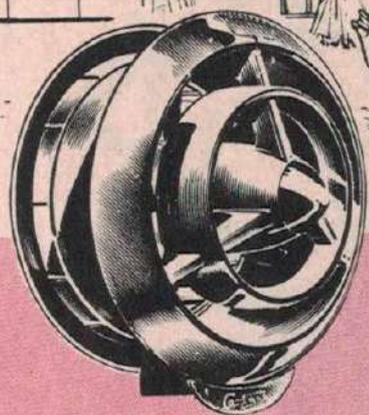
—Muito bem, Chapman. Pode descer, agora.

Vagarosamente e com relutância, Chapman passou os pés sôbre a borda do armário e saltou para o chão. Os detectives conduziram-no com rudeza para a sala do interrogatório. Em caminho, mostraram-lhe as salas onde Betty, Dutch e Charlie Loerber também estavam sendo interrogados. Era o fim do roubo do correio da Leonard Street, o “grande golpe”.

A polícia tinha provas sólidas e agiu com presteza. Em dois meses Chapman e Anderson estavam condenados a 25 anos de penitenciária. Sômente Betty foi posta em liberdade; não houve meios de provar que ela estivesse implicada no assalto. Vagou o n.º 12 de Gramercy Park; o “Conde de Gramercy Park” mudou-se para novo enderêço.

MAS AINDA bem não se fechara sôbre Chapman o portão da penitenciária de Atlanta, Georgia, já êle estava planejando a sua estratégia para fugir. Era um processo lento, mas exci-

Para o seu lar



EXAUSTOR DE COZINHA

Expele a fumaça, os vapores de gordura, o cheiro das frituras. Protege paredes, móveis e cortinas. Facilita a limpeza. Mantém o ambiente sadio e agradável. Silencioso. Fácil de limpar.



EXAUSTOR DE VITRAUX

EM DUAS CÔRES: VERDE
CLARO E COMBINAÇÃO
DE GRENÁ E DOURADO

Para banheiro, dormitório, jardim de inverno, etc. Expele os vapores d'água, o cheiro do cigarro, os odores desagradáveis. Silencioso. Uma lâmpada pilôto avisa quando está ligado.

JV

Contact

À VENDA
EM TODO O BRASIL

PRODUTOS CONTACT SOC. ANÔNIMA

R. Xavier de Toledo, 316 - S. Paulo

tante e provocador, e Chapman abordou-o com impudente confiança.

Certas circunstâncias materiais da prisão favoreceram os seus planos: o hospital da prisão não ficava muito longe do muro externo, e entre o muro e o hospital havia pequenos canteiros onde os detentos podiam plantar flôres e hortaliças.

Primeiro Chapman fêz uma corda torcendo e entrelaçando pedaços de barbante furtados nas oficinas do presídio. Depois modelou tôscamente um gancho de escalada para a corda e enterrou essas coisas num dos canteiros perto do hospital. Passava as noites fazendo uma lima.

A próxima medida de Chapman foi queixar-se de dores agudas na cabeça e no pescoço e obter assim que o internassem no hospital, em observação. Por uma sorte incrível, havia ali, na ocasião, apenas um outro doente, um falsário que era um prêso com regalias. Êle concordou em ficar de vigia enquanto Chapman limava completamente uma das duas barras da janela do hospital, que ficava seis metros acima do solo. Trabalhando com habilidade, Chapman fêz uma corda com o lençol da cama e amarrou-a à barra restante.

Em frente à janela, do lado de fora, ficava o transformador principal de energia elétrica da prisão. Chapman já havia notado que uma interrupção naquele ponto inutilizaria todo o sistema de iluminação. Calçando luvas de borracha furtadas na sala de operações, com a barra tirada da janela êle desfechou violento gol-

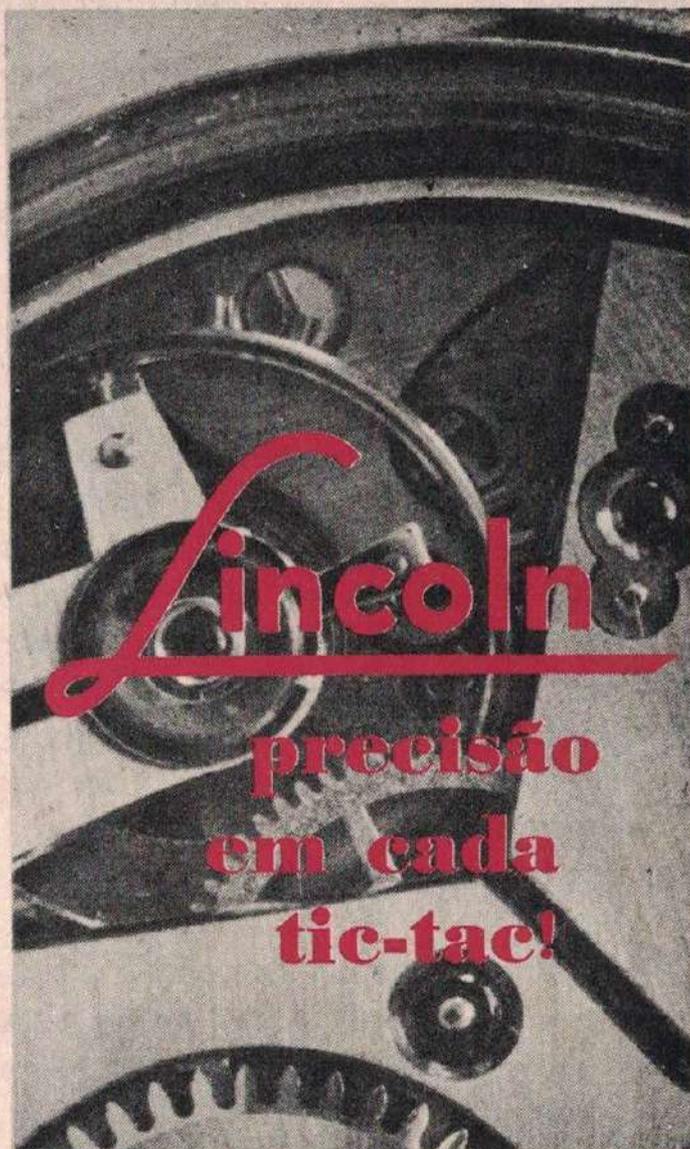
pe no cabo condutor. Houve um grande estalo quando o cabo se partiu, e a prisão mergulhou na escuridão.

Gerald Chapman e seu cúmplice desceram pelo lençol, tomaram a direção dos canteiros e freneticamente cavaram o chão, desenterrando a corda e o gancho de escalar. Chapman atirou o gancho por cima do muro. O gancho pegou. Chapman trepou primeiro pela corda e esperou pelo cúmplice. Em seguida os dois mudaram a posição do gancho e da corda e escorregaram pelo lado oposto do muro.

Atrás deles, no escuro, os guardas corriam de um lado para o outro em ruidosa confusão. À frente ficava a incerta liberdade. Os dois fugitivos separaram-se e puseram-se a correr.

Vinte e quatro horas depois Chapman estava deitado no restólho de um milharal frio e úmido, a 80 quilômetros da prisão. Escutava e esperava, sabendo, pelo latido rouco e ansioso de um sabujo, que os seus perseguidores se aproximavam.

Os latidos estavam agora mais próximos. Longe, através do campo, êle avistou uma luz, depois outra. Um suor frio banhava-lhe a face e escorria-lhe pela espinha. Chapman aguardou um minuto, viu que as luzes se aproximavam e começou a correr. Uma carabina detonou na noite, depois outra e mais outra. Uma dor ardente percorreu-lhe a parte superior da perna; um segundo projétil atingiu-o na ilharga. Chapman caiu de bruços na lama, onde ficou arfan-



Lincoln
precisão
em cada
tic-tac!



V. não pode vê-la, naturalmente, mas pode comprová-la a qualquer momento! Adquira hoje seu Lincoln e dite a hora certa! Lincoln, o melhor em sua classe. Em diversos modelos de grande efeito.

Corda automática
Proteção antichoque
Em aço ou folheado a ouro

Lincoln

- tem a confiança do mundo!



do, sentindo o sangue quente e pegajoso a escorrer-lhe lentamente pela perna e pelas costas. Quando a patrulha o alcançou, êle perdeu os sentidos.

GERALD CHAPMAN voltou a si num quarto de hospital, pintado de branco e cheirando a antisséptico, em Athens, Georgia. Quando começou a espreguiçar-se, gemeu com a dor aguda que sentiu nas costas. Quando uma enfermeira se aproximou da cama, êle começou a interrogá-la. Gradualmente, ficou sabendo onde se encontrava, que estava na lista dos doentes graves e que dois guardas estavam de sentinela do lado de fora do quarto.

Enquanto a enfermeira falava, Chapman percebeu em sua voz uma nota de bondade. Perguntou com naturalidade:

—Minha mulher foi avisada?

A enfermeira respondeu que achava que não, porque o caso de Chapman era "especial".

Chapman prosseguiu nesse ponto e começou a falar melancolicamente sobre os filhos, que talvez não tor-

nasse a ver, e sua querida e dedicada espôsa. Admitiu que tinha empregado mal a sua vida. Enquanto falava, seus olhos estavam fitos na enfermeira observando as suas reações e, quando ela concordou em chamar Betty em Nova York, êle mostrou-se efusivamente agradecido.

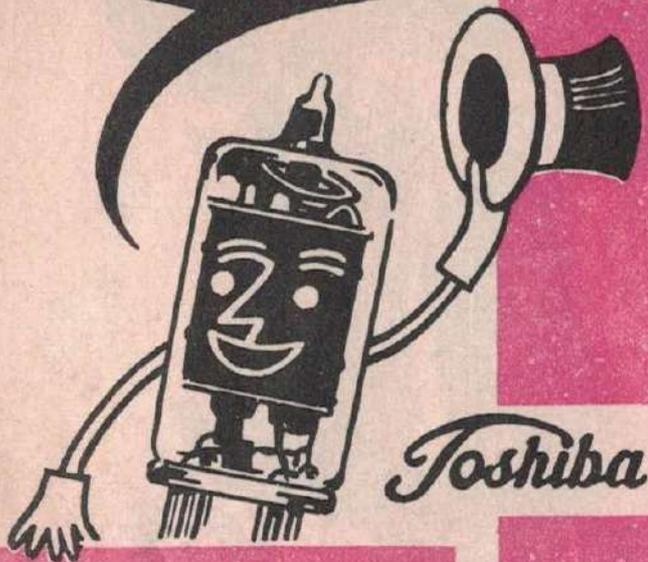
Os dois dias seguintes arrastaram-se na agonia da espera; mas Chapman confiava em que Betty certamente saberia o que fazer. Todos os momentos que a enfermeira estava fora êle ficava andando pelo aposento, fazendo exercício, apesar da dor lancinante. Continuava na lista dos doentes graves e o exercício secreto mantinha sua temperatura perigosamente alta, precisamente o que êle desejava por significar um relaxamento na vigilância dos guardas. E abrandou também as autoridades, permitindo-lhe receber a visita da espôsa.

No sexto dia da permanência de Chapman no hospital, a enfermeira introduziu Betty no quarto.

—Ela ficará apenas 15 minutos. Mais do que isso o médico diz que lhe fará mal—disse a enfermeira, e



**Sim, vim
do Japão...**

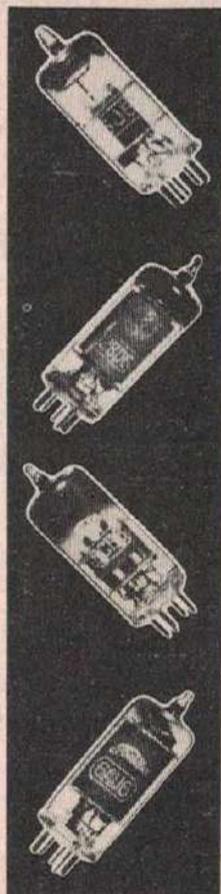


Graças às mais modernas instalações e equipamento para produção e às mãos hábeis e adestradas de operárias experientes, nasci . . . precisamente para satisfazer a todos os que usam eletrônica no mundo. Identifique-me pela marca registrada TOSHIBA, o Sêlo da Qualidade de Confiança.

O principal fabricante de
Material Elétrico do Japão

**TOKYO SHIBAURA
ELECTRIC CO., LTD.**

2, Ginza Nishi 5-chome,
Chuo-ku, Tokyo, Japan



retirou-se, deixando Chapman a sós com Betty.

Imediatamente Betty enfiou a mão no interior do casaco e tirou uma pequena pistola automática. Gerald Chapman agarrou-a rapidamente.

—Temos de andar depressa—disse ela nervosamente.—O carro está lá embaixo, em frente.

—Eu já planejei tudo—replicou Chapman, falando calmamente, enquanto apertava o botão da campainha à cabeceira da cama e puxava as cobertas até a altura do peito. Não tardou a aparecer um servente ainda jovem:

—O senhor chamou?—perguntou.

Gerald Chapman tirou a arma de baixo das cobertas.

—Fique calado e faça exatamente o que eu lhe disser, do contrário, estouro-lhe os miolos. Agora tire a roupa—e depressa!

O servente olhou acanhado para Betty e hesitou. Chapman fez um gesto ameaçador com a arma, e o servente começou a despir-se. Enquanto Betty mantinha o servente sob a mira da sua própria arma, Chapman tirou a própria roupa e vestiu o uniforme do rapaz. Depois, utilizando tiras de lençol, amarrou e amordaçou o prisioneiro. Ao fazê-lo, explicou que ia sair primeiro, ficando a esposa a cobrir-lhe a retirada. Betty deveria segui-lo alguns minutos depois.

—E não tente fazer alguma coisa—advertiu, falando ao servente.—Ela atira bem.

Chapman saiu do quarto em silên-

cio, caminhou para o elevador e apertou o botão com impaciência. Uma vez no andar térreo, saiu com naturalidade e desceu a escada para o carro que o esperava. Estava ao volante Charlie Wolfe, o "Maneta", um antigo companheiro. Chapman acabara de estender-se no banco traseiro e cobrir-se com uma manta, quando Betty apareceu. Ela caminhou rapidamente e entrou no carro.

—Pronto. Agora podemos ir— sussurrou.

Horas depois Wolfe parava o carro em frente ao n.º 123 de Mulberry Street, em Muncie, Estado de Indiana, residência e consultório do Dr. Harry Spickermon, um velho amigo e confidente de Chapman. O Dr. Spickermon, que mais tarde deveria cumprir dois anos de prisão em Atlanta por traficância de narcóticos, devia a Chapman e seu grupo antigos favores e muitas vezes os havia ajudado em compensação.

Gerald Chapman necessitava agora desesperadamente dos serviços de Spickermon. Êle estava rígido devido à longa viagem, e o ferimento profundo das costas latejava de dor. Chapman praguejou alto quando começou a subir a escada com a ajuda de Wolfe. O "Olá, Harry!" com que êle saudou o médico foi forçado, e êste dirigiu-o para a mesa de exame e começou a cortar-lhe as ataduras.

—Há uma pequena infecção local — disse o médico.—Não é de admirar. A cicatriz está completamente aberta.

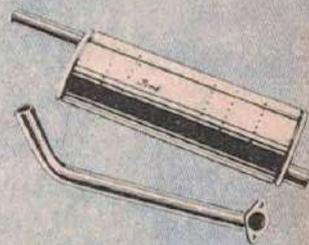
Spickermon iluminou o ferimento



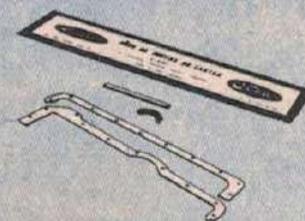
**—siga o
símbolo
de valor!**



Cartuchos
do Filtro
de Óleo



Silenciosos
e canos
de descarga



Jogos de Juntas
para Motores

**Exija PEÇAS
FORD LEGÍTIMAS**
para todos
os veículos
de fabricação

FORD

Procure o seu

REVENDEDOR FORD

— uma garantia de serviço

com uma pequena lâmpada e examinou-o atentamente, sondando-o fundo. Quando terminou, voltou-se para Betty.

—Acho que é melhor êle ficar aqui algum tempo. Isto precisa ser pensado duas vêzes por dia e necessita de observação. Se êle continuar andando por aí, bem . . .

Pensativamente o médico cofiou o cavanhaque.

—Acho que tem razão—concordou Betty.—Não há lugar mais seguro do que êste.

Gerald Chapman passou três semanas na casa de Harry Spickerman, em Muncie. A princípio ficou na cama, depois começou a andar pela casa. Mas como o ferimento começou a curar sem maiores complicações, êle passou a andar livremente pela cidade, com a audácia que era o traço distintivo do seu caráter. Deixara crescer de novo o bigode, que lhe haviam raspado à sua entrada em Atlanta, e passara a usar óculos de lentes escuras para ajudar o disfarce.

A imprensa continuava comentando a sua fuga. A evasão teatral de Atlanta e a recaptura no dia seguinte constituíam matéria interessante, que aumentava a circulação dos jornais. Mas a fuga do hospital em plena luz do dia constituía uma sensação. Gerald Chapman rejubilava-se com as notícias, lendo e relendo com prazer as reportagens das suas fugas. Não havia dúvida de que êle era mais esperto do que a própria lei e do que os "imbecis" que a tentavam fazer cumprir.

Chapman passava os dias lendo tudo o que encontrava ao alcance das mãos e que pudesse aperfeiçoá-lo no crime: livros sôbre a elaboração de documentos, como base do seu verdadeiramente grandioso plano de falsificação, a respeito do qual êle e Dutch tantas vêzes tinham conversado; livros sôbre a nitroglicerina, para uso no arrombamento de cofres. Êsses livros êle os encontrava nas bibliotecas públicas de Dayton, no Estado de Cincinnati, e Lima, em Ohio, cidades não muito distantes de Muncie. Ter-lhe-ia sido possível obtê-los fâcilmente por empréstimo, ou mesmo furtá-los, levando-os sob a capa. Mas êle preferia a excitação de penetrar de noite nas bibliotecas e roubá-los; era mais emocionante.

O resto do tempo êle passava jogando de vez em quando uma partida de gôlfe ou passeando de automóvel pelos arredores da cidade. Um dia, numa estrada pouco movimentada, perto da cidadezinha rural de Eaton, Estado de Indiana, chamou-lhe a atenção uma casa de fazenda que ficava bem afastada da estrada e era circundada por vastas terras de lavoura. Num gesto impulsivo, Chapman dirigiu o carro para a estrada de terra, com sulcos de rodas, que levava à casa.

Quando se aproximou da casa, um lavrador magro que estava atravessando o pátio lamacento olhou-o indagadoramente.

—Boa-tarde—disse êle, no seu falar arrastado, quando Chapman desligou o motor.—Deseja alguma coisa?

— Bem, eu nem sei realmente— respondeu Chapman. Havia uma polidez conciliatória no seu tom de voz. — Meu nome é Miller. Waldo Miller. — Estendeu a mão e continuou: — Todos me conhecem por Tom.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Miller — respondeu o fazendeiro, pousando os baldes de leite. — Meu nome é Ben Hance.

Gerald Chapman estudava o homem em pé à sua frente, e ao primeiro exame concluiu que era exatamente o tipo que êle procurava, um anteparo que poderia ser valioso para êle, um homem ingênuo, sincero, de poucas palavras.

— Irei direto ao assunto, Sr. Hance. Eu estou procurando um lugar onde possa passar uma temporada. Um lugar sossegado, onde possa respirar bastante ar puro e coma boa comida. Fui operado há pouco e o meu médico quer que eu me afaste por algum tempo do lugar onde vivo.

Houve um longo silêncio. Ben Hance olhava para o chão, acanhado, cavando a lama com a biqueira da bota.

— Bem, vamos entrar para ver o que diz a Mary. Ela é quem manda.

A cozinha era aquecida pelo fogão de tipo antigo e cheirava a pão fresco e verduras cozidas. Mary Hance levantou a cabeça rapidamente quando êles entraram, limpou as mãos no avental e alisou os cabelos com as costas da mão.

— Mary, êste senhor quer vir hospedar-se aqui em casa. Estêve doente e disseram-lhe que passasse uns tem-

pos na roça. Viu a nossa casa quando passava de automóvel e parou para saber se aceitaríamos um pensionista.

— Bem, eu não sei. Nós nunca . . . eu e Ben nunca recebemos ninguém.

A mulher olhava suplicante para o marido, e quase não tinha voz para falar.

— Eu nem sei se saberia tratar um hóspede. Nós aqui levamos uma vida muito simples.

— É isso mesmo que eu quero— acudiu Chapman.

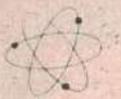
— Eu não sei . . . quero dizer . . . eu nem sei quanto cobrar pela pensão. Eu nunca . . .

— Que tal 25 dólares por semana? Casa e comida.

Chapman falava aparentando naturalidade, mas êle sabia que efeito produziria a proposta. Vinte e cinco dólares por semana, uma renda certa em dinheiro, era mais do que Ben e Mary Hance jamais haviam sonhado. E assim foi que Gerald Chapman se mudou para a fazenda, com o falso nome de Waldo Miller, tratado de “Tom” por Ben e Mary Hance.

CHAPMAN revelou-se um hóspede cativante. Ajudava Ben nos trabalhos da fazenda, fazendo pequenas tarefas, zanzando pelos sulcos semeados e dando comida às galinhas. Ajudava Mary na lavagem dos pratos, descascava-lhe as verduras e até mesmo, uma vez por outra, fazia qualquer coisa na cozinha. No resto do tempo lia.

Gerald Chapman permaneceu com os Hances umas seis semanas antes de

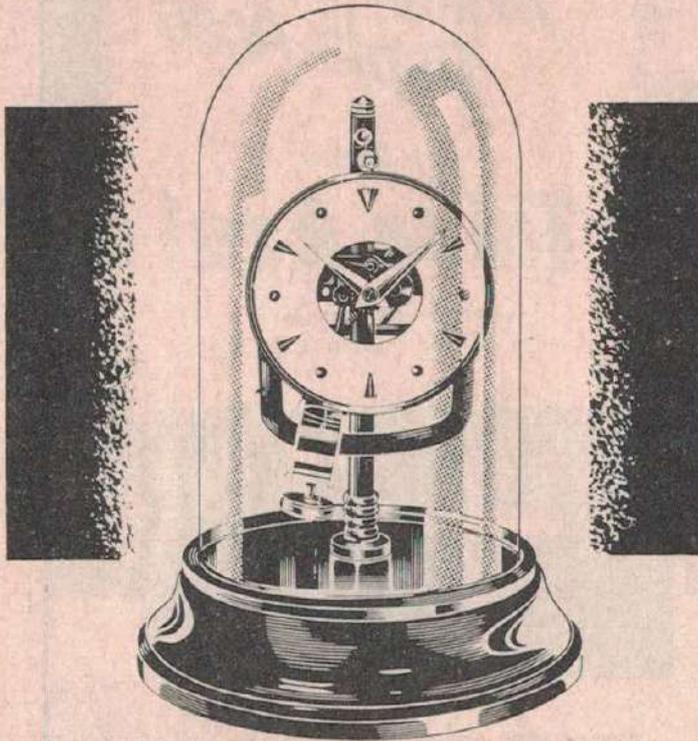


Na era
atômica...

ALTO CLOCK

1.000 dias

O relógio de mesa mais perfeito do mundo



3 Anos sem parar e sem corda!

Resultado de anos de pesquisas nos centros relojoeiros da Europa, ALTO CLOCK possui as características revolucionárias da época da energia nuclear. Elétrico, sem curto-circuito e sem corda, trabalha quase 3 anos (1.000 dias) sem parar! ALTO CLOCK é acionado por uma pilha seca de fabricação especial, isolada com betume, que garante a indispensável impermeabilização e torna-o insensível às variações atmosféricas.

- Garantia efetiva da fábrica
- Inteira e fabricado no Brasil
- Assistência técnica permanente
- Venda avulsa de pilhas

À VENDA NAS BOAS CASAS
distribuidores exclusivos:

ERGEBLO

Jóias e Relógios S. A.

Rio: S. José, 90 - Grupo 2004/5
S. Paulo: Líbero Badaró, 92-2.º and.

1A-5001

iniciar viagens, "viagens de negócios", como êle dizia aos seus hospedeiros. A princípio eram breves, apenas uma ou duas noites ausente da fazenda, mas com o tempo se tornaram mais longas, até chegava a passar três, quatro semanas fora de cada vez.

Foi em fins de janeiro de 1924 que Mary levantou os olhos da sua costura ao ouvir um carro aproximar-se. Momentos depois a porta se abriu deixando entrar uma lufada de ar frio, e Gerald Chapman entrou na sala.

—Como vão vocês, Mary e Ben? —exclamou afavelmente. Havia uma exuberância forçada em suas maneiras.—Trago-lhes uma surpresa. Êste é o meu sócio, Iver Teller. Iver é sueco. Um sueco mudo.—Dando uma risadinha, acrescentou:—Nós o chamamos de Dutch.

—Quem fôr amigo de Tom é nosso amigo—respondeu Hance cordialmente.

—Dutch gostaria de ficar aqui conosco—disse Chapman.

—Ora, pode ficar, Tom—acudiu Mary, risonha.—Você nem precisava perguntar.

Dutch Anderson, ou Iver Teller, olhou rapidamente para Chapman, sorriu mansamente e, quase imperceptivelmente, piscou um olho por trás dos óculos.

Acabava de sair da penitenciária de Atlanta por um túnel de 18 metros de comprimento. Sua fuga espetacular intensificara a procura de Chapman, e os dois homens se dei-

xaram ficar bem perto da fazenda dos Hances durante várias semanas. Dedicaram-se ao "trabalho de papel". Liam obras sôbre papel e relacionadas a papel, traçando o extraordinário plano de contrafação que era o sonho de Anderson. Dutch descobrira que o papel especial em que se imprimiam as cédulas norte-americanas era feito numa fábrica de Dalton, Estado de Massachusetts. Por que não descobrir um jeito, ponderou êle, de obter papel na fábrica de Dalton, e fazerem êles próprios as suas matrizes? Chapman mostrou-se entusiasmado. Era êsse o tipo de plano que êle adorava, por exigir audácia, novos arrombamentos e maiores riscos. O plano teria de ser executado com muita audácia, sendo o papel levado em pequenas quantidades de cada vez, a fim de que os furtos não fôssem notados.

Em abril, após duas excursões de sondagem pelas cercanias de Dalton, os dois resolveram mudar para Springfield, também no Estado de Massachusetts. Springfield, julgavam êles, ficava bastante longe de Dalton para oferecer-lhes segurança e era bastante perto para não ser inconveniente; mas precisariam de outro automóvel. Êles ainda dispunham de dinheiro suficiente para isso, sobra do assalto da Leonard Street, e podiam comprar um, mas Chapman resolveu o problema à sua maneira por meio de furto.

Com a sua natural inclinação para dramatizar, dirigiu-se à Stanton Motor Co., uma firma sediada em Steu-

Tudo brilhante— num instante!



POLIDOR PARA METAIS

DU PONT

MARCA REGISTRADA

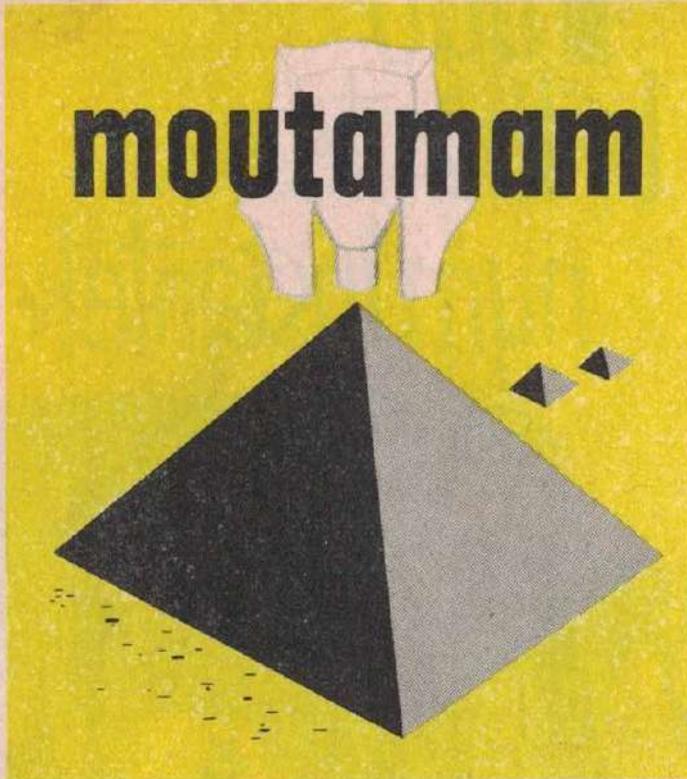
limpa e dá brilho, sem riscar!

Dá brilho rápido e intenso nos objetos de metal, superfícies niqueladas, pias e talheres de aço inoxidável, vasilhas de cobre, lustres, maçanêtas, objetos de latão e bronze, partes cromadas do automóvel etc.

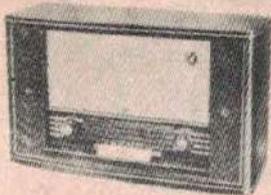
Du Pont do Brasil S. A. — Indústrias Químicas

São Paulo — Caixa Postal 8112

Rio de Janeiro — Caixa Postal 710



a preocupação de fazer sempre melhor!



Tradição de
qualidade
e perfeição

As pirâmides imortais são exemplos magníficos da mística do Moutamam — vocábulo dos antigos egípcios, que simboliza os esforços dos que buscam eternizar-se através da perfeição.

Nossos esforços industriais também são dirigidos nesse sentido. Os rádios e radiofones Mullard são fabricados com a preocupação do melhor, para resistir ao tempo, sempre funcionando com perfeição, graças à qualidade e ao trabalho harmonioso de suas peças.

Mullard

Radelsa Radio-Eletricidade S.A.

SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - SALVADOR
PORTO ALEGRE - BELO HORIZONTE - RECIFE

benville, Estado de Ohio, aonde chegou num sábado de noite. Catherine Boorn, a única empregada em serviço àquela hora—faltavam cinco minutos para as dez—impressionou-se (e teve mais tarde ocasião de se lembrar disso) com a voz modulada de Chapman, sua inflexão correta e seu traje requintado. Porque êle se apresentava elegantemente trajado; até bem trajado demais para uma cidadezinha como Steubenville. Usava cartola, sobretudo prêto com gola de cetim, cachecol e luvas brancas e bengala de castão de prata. Pondo o monóculo, êle olhou em volta do mostruário e pareceu interessar-se apenas por um luxuoso carro prêto, dêsses que têm a parte traseira isolada do motorista por uma vidraça. Ao saber que já estava vendida, disse apenas:

—Desculpe tê-la incomodado.

E, cumprimentando a môça cavaleirescamente, retirou-se.

Enquanto isso, porém, êle escolhera na verdade um Lincoln de passeio e tomara nota da situação da porta de serviço que dava para a garagem, nos fundos do salão, uma porta corrediça pela qual os carros eram levados para o salão de exposição, e de outros detalhes importantes do salão.

Daí a seis horas êle, Dutch e Charlie Wolfe, o "Maneta", encontravam-se na porta dos fundos da loja da Stanton Motor Co., que dava para um beco, e penetraram no salão com o auxílio de pé-de-cabra. Numa questão de minutos haviam empurrado o Lincoln para o beco.

Aí guardaram com cuidado na mala do carro as ferramentas do seu ofício: pés-de-cabra, furadores elétricos, espingardas de cano curto, pistolas automáticas, revólveres e várias garrafas de nitroglicerina—e dali a pouco estavam na estrada rumando para leste.

TENDO DITO a Ben e Mary Hance que iam fazer uma viagem de alguns meses, de automóvel, seguiram despreocupados, dirigindo calmamente e hospedando-se nos melhores hotéis. Em junho de 1924 Chapman e Dutch registraram-se no Cooley Hotel, em Springfield, Massachusetts, com os nomes de Waldo Miller e George Lawrence Shelbourne.

Era a primeira vez, desde que haviam fugido de Atlanta, que os dois deixavam por tanto tempo a relativa segurança da fazenda dos Hances. Mas o grandioso plano de falsificação requeria lentos preparativos. Vários dias êles andaram estudando as cercanias de Springfield à procura de uma base de operações. O que êles queriam era uma casa não muito grande, que proporcionasse todo o conforto e fôsse bem isolada. Devia ficar afastada de qualquer rodovia e dominar a paisagem em tórno. Êles não pretendiam ser surpreendidos em ação.

Queriam também travar relações com uma pessoa da localidade. De preferência com um comerciante de recursos, que exercesse sua atividade naquele meio e fôsse bastante conhecido para infundir cortesias e favores.

Dá brilho— Sem riscar

POLIDOR PARA PRATA

DU PONT

MARCA REGISTRADA



limpa, embeleza e protege!

Dê um brilho sem igual a seus talheres e baixelas de prata, objetos prateados, cromados e de aço inoxidável! O Polidor para Prata "Du Pont" remove as manchas do tempo, dá um brilho que perdura e protege a superfície.

Du Pont do Brasil S. A. — Indústrias Químicas
S. Paulo - Cx. Postal 8112 • R. de Janeiro - Cx. Postal 710

Pois sem tal apoio Gerald Chapman sentia-se inseguro.

Encontraram o homem que procuravam na pessoa de Walter Shean, dono da Agência de Publicidade Shean, uma empresa que se encarregava de cartazes e *displays* numa larga zona. O negócio era rendoso e punha Shean em contacto com numerosos outros homens de negócios da região. Mas Walter Shean, pessoalmente, era um fraco, um homem estragado pelo excesso de dinheiro, amante de prazeres, festas e alegres companheiros de bebida. Naquela época de bebidas obtidas de contrabando, êle jactava-se de conseguir as melhores, e a lei que fôsse para o inferno.

Muito antes de Gerald Chapman imaginar um meio de ser apresentado a Walter Shean, êle o marcara como o homem de que precisava, fácil de influenciar e dominar, mas seguramente escorado na sua fortuna e posição. Além disso, a Agência de Publicidade Shean tinha um depósito onde o produto do roubo poderia ser guardado até que fôsse possível dar-lhe saída aos poucos. Tudo se encaixava no plano Chapman-Anderson.

A princípio, pelo que Walter Shean sabia, Gerald Chapman como Waldo Miller, e Dutch Anderson como George Shelbourne, eram dois corretores. Gostava de beber com êles. Eram bons gastadores.

Até que um dia Gerald Chapman foi à agência da Railway Express, em companhia de Shean, despachar um

pequeno volume para Muncie, Estado de Indiana. Enquanto esperava, Shean correu os olhos pelo cartazes colados na parede. Um dêles, com o título de "PROCURADOS", exhibia os retratos de dois homens. Havia nêles algo de familiar, e Shean examinou atentamente o cartaz.

Gerald Chapman estava debruçado sobre o balcão, no guichê de expedição, permitindo a Shean ver-lhe um lado do rosto. Êste olhou para êle e notou a semelhança com uma das fotografias. Tornou a olhar para o cartaz e leu o que estava impresso em letra miúda; dados sobre o assalto da Leonard Street, a condenação dos assaltantes, a evasão do hospital de Athens e a longa lista de falsos nomes usados pelos assaltantes.

Walter Shean sabia agora de algo que ninguém mais sabia: sabia do paradeiro de Gerald Chapman e Dutch Anderson. Isso causou-lhe um prazer todo especial, um prazer de excitação. E com o passar do verão a existência se foi tornando cada vez mais excitante, porque Shean, entediado e mal-acostumado, fraco de vontade e sedento de prazeres, se tornou a nova prêsca da dupla Chapman-Anderson.

Walter Shean gostava do seu papel. Fazia o jôgo da dupla, sua agência estava à disposição dos dois homens e em setembro êle conseguira-lhes uma casa onde êles poderiam começar a concretizar o seu plano verdadeiramente grandioso de fabricação de dinheiro falso. Gerald Chap-

man e Dutch Anderson deram uma entrada de 5.000 dólares pela casa, mas nunca chegariam a ocupá-la.

NUMA TARDE de sábado, 11 de outubro de 1924—um dia de sol quente e brilhante—Chapman e Shean dirigiram-se para a pequena cidade fabril de New Britain, no Estado de Connecticut. Era o tipo de cidade que agradava a Chapman, não bastante grande para ser realmente uma grande cidade, mas grande bastante para compensar substancialmente as suas atividades. Tendo persuadido Shean a acompanhá-lo no que parecia ser uma simples escapada de fim-de-semana para se divertirem, êle anunciou então que estava com vontade de arrombar um cofre.

Chapman deu duas voltas pela cidade antes de estacionar. Então, deixando Shean no automóvel, desceu a pé a rua principal até que chegou a uma loja de departamentos típica de cidade do interior. Misturando-se com a multidão de fregueses, entrou na loja, dirigiu-se para os fundos e aí subiu por uma escada ao segundo andar, detendo-se no patamar o tempo suficiente para olhar para dentro do escritório e observar a posição das mesas, dos arquivos e dos cofres. Feito isso, voltou por onde viera e, na rua, entrou calmamente no automóvel.

—Que foi que você descobriu?—perguntou Shean.

—Está tudo preparado. Vai ser fácil.

Chapman sentou-se ao volante.



UM ALIMENTO COMPLETO PARA SEU BEBÊ!

Amido puro, isento do contacto da mão humana, "MAIZENA" é realmente um alimento completo, de inigualável valor dietético e imediata assimilação.

▶ PAPINHAS, SOPAS E MINGAUS, preparados com "MAIZENA", estimulam o apetite da criança.

Também na arte culinária são inúmeras suas aplicações: Conheça-as!

POSSUA **GRÁTIS** O SEU EXEMPLAR IMPRESSO E COM SUGESTIVAS ILUSTRAÇÕES, CONTENDO RECEITAS ECONÔMICAS E SABOROSAS.



AMIDO DE MILHO "MAIZENA" S

Caixa Postal, 8006 - São Paulo

GRÁTIS! Peça enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

--Voltaremos amanhã de madrugada.

Os dois homens passaram a noite numa hospedaria, na próxima cidadezinha de Meriden, Connecticut, tendo pedido à arrumadeira que lhes emprestasse um despertador para poderem sair cedo. Levantaram-se às cinco da madrugada, tornando a New Britain de automóvel e estacionando o carro em Church Street, pouco depois do beco que havia ao lado da loja.

—Você fica aqui. Não demorarei mais de alguns minutos.

A segurança de Chapman contrastava gritantemente com a tensão nervosa e a inquietação de Shean.

Levando a sua pequena maleta, Chapman deu volta ao quarteirão, com prudência, e aproximou-se da loja pela frente. No portal profundo êle se deteve um instante contendo a respiração, olhos e ouvidos atentos. E imediatamente, com agilidade, pôs-se a forçar a fechadura com uma chave de parafuso pequena. Seus dedos moviam-se com a tensão e precisão de molas de aço. Em poucos segundos achava-se dentro da loja.

No pequeno escritório da sobreloja apagou a única lâmpada que havia, tombou uma grande escrivaninha e colocou-a junto à grade que dava para o andar térreo, ocultando assim a sala dos olhos de quem passasse pela rua. Em cima de um arquivo, colocou um pequeno espelho, de modo a poder observar os transeuntes enquanto trabalhava.

Havia três cofres na sala, e êle co-

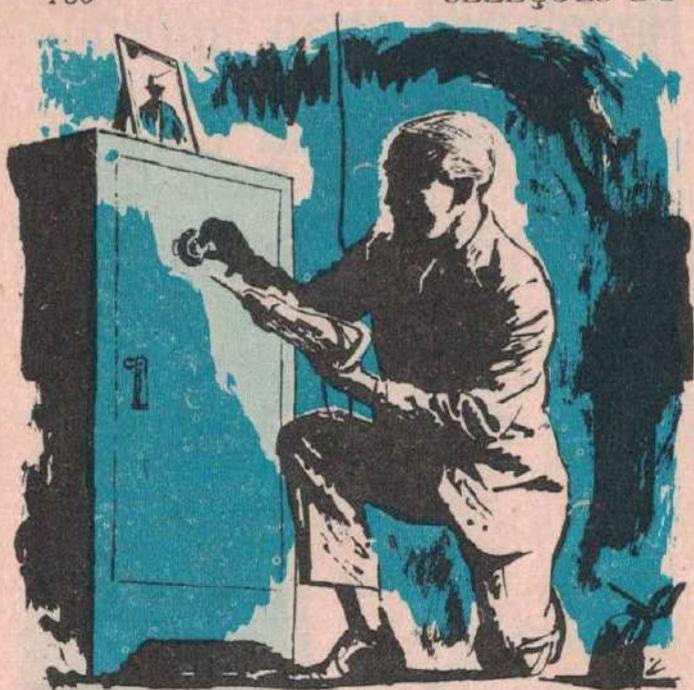
Revelando todo apuro
e requintada classe...



O esmero na escolha, decidindo-se pelo incomparável tecido Tropical Maracanã, permite-lhe destacar-se com a despreocupada elegância de todo cavalheiro distinto. Feito por moderníssimos e exclusivos processos de beneficiamento e tingimento, que lhe asseguram uma verdadeira "vitalização", o Tropical Maracanã oferece uma textura fina e uniforme, em originais côres da moda.

Tropical
Maracanã
VITALIZADO





meçou sem demora a trabalhar no primeiro. Todo o seu corpo vibrava de excitação, e êle se sentia animado e alerta. Tirando da maleta uma pequena broca elétrica, ligou-a ao suporte de que tirara a lâmpada. Ouviu-se um pequeno zumbido agudo da broca penetrando no metal. Quando terminou, a broca estava muito quente; no aço fôra aberto um orifício pequeno mas profundo.

Remexendo de novo na maleta, Chapman tirou com cuidado, dum compartimento especialmente almofadado, um pequeno frasco de nitroglicerina. Com um conta-gotas pingou três gotas na cavidade, muniu-se de um pequeno chumaço de algodão e com uma pinça enrolou-o num pavio curto, que introduziu no orifício. Depois de esquadrinhar a rua com cuidado, acendeu o pavio e saiu da sala, descendo para o andar térreo.

De repente, ouviu-se uma explosão sêca e abafada, e Chapman sentiu o efeito da breve concussão. Voltan-

do ao escritório, verificou que o cofre se abria ao contato de sua mão. Momentos depois começava a remexer com impaciência uma pilha de papéis, contratos, livros de escrituração mercantil. Ao abrir um envelope de papel pardo que encontrou no fundo do cofre, soltou um palavrão abafado. O envelope continha apenas algumas moedas e cédulas de pequeno valor.

Guardando o envelope no bôlso, Chapman saiu da loja pela porta da frente e voltou para o automóvel, onde encontrou Walter Shean dormitando desassossegadamente no banco da frente. Atirando o envelope de papel manilha para o banco traseiro, com enfado, Chapman sacudiu Shean violentamente.

—Acorde! Preciso de ajuda.

Ràpidamente os dois homens voltaram à loja e Chapman perfurou e colocou o explosivo no segundo cofre com tôda calma, enquanto Shean observava ansioso e em silêncio. Tinha a testa coberta de gotas de suor e percorria-lhe o corpo, em espasmos, um tremor involuntário.

—Eu teria feito melhor deixando você em casa, se vai ficar aí medroso —observou Chapman, colérico.—É melhor você voltar para o carro, depois que isto explodir. Farei o resto sozinho.

Chapman acendeu a mecha e empurrou Shean para fora do escritório, saindo logo atrás dêle. Após a explosão, Chapman voltou ao cofre, pilhou-o e entregou a Shean outro envelope pequeno contendo dinheiro.

Shean dirigiu-se para a porta de entrada da loja.

—Espere. Vá por aqui. É mais perto.

Chapman conduziu-o até à porta de expedição, situada nos fundos da loja. Ainda enfurecido e contrariado, abriu-a bruscamente, com um puxão.

No lado oposto do beco, a menos de 12 metros de distância, as largas portas duplas de um estábulo estavam abertas para a aragem fresca do amanhecer. Numa perturbadora fração de segundo Gerald Chapman avistou um cocheiro conduzindo um cavalo ao bebedouro. O cocheiro olhou os dois homens com estranheza.

Era tarde demais para recuar. Com a sua habitual bravata, Chapman tentou desfazer a impressão causada.

—Pra que pensa você que eu lhe pago ordenado?—disse a Shean, falando alto.—Eu quero êstes papéis varridos assim que a loja fechar na noite do próximo sábado. Ouviu?

E, empurrando Shean pela porta fora, praguejou por entre os dentes, mandando que êle caminhasse naturalmente para o automóvel e o esperasse.

—E, tôda vez que eu vir que você não fêz o que mandei, eu o farei voltar e ficar aqui até acabar, compreende? Do contrário arranjo outro.

Depois, quando Shean começou a se afastar, andando pelo beco, fechou a porta com firmeza, convencido de que ludibriara o cocheiro. Mas êste era esperto demais para se deixar lograr, e no mesmo instante telefonou para a polícia.

Chapman estava trabalhando no terceiro cofre, observando atentamente o que ia pela rua, agora mais clara, pois já raiava o dia, quando os avistou. Dois vultos de azul desfilaram em silêncio pela face do espelho que êle colocara sôbre o arquivo. Depois ouviu-os entrarem na loja.

—Nem mais um passo ou queimemos aí mesmo.

Na sala escura sua voz era cortante como uma faca afiada. Os passos hesitaram. Mas logo os dois policiais—Chapman podia divisá-los na obscuridade—avançaram para êle, de arma em punho. Numa fração quase reflexa, o dedo indicador de Gerald Chapman se contraiu no gatilho, e o seu 38 niquelado detonou três vêzes. Ouviu-se um gemido de dor, um grito, e o guarda James Skelly tombou mortalmente ferido.

Chapman desceu as escadas aos saltos e saiu correndo. Uma saraivada de balas o perseguiu, mas num segundo êle já estava na rua. Correndo ao longo do quarteirão, entrou num beco e, pulando uma cêrca baixa, passou para outro.

Aí Chapman guardou a arma no coldre a tiracolo e ficou imóvel o tempo necessário para tomar fôlego. Em seguida colocou uns óculos de aros grossos, endireitou a gravata e o sobretudo e saiu para a rua.

Grupos de pessoas bem vestidas voltavam da primeira missa da manhã na catedral, situada no quarteirão próximo. Outras pessoas começavam a chegar para a missa seguin-

te. Sem sequer olhar para trás, Gerald Chapman misturou-se com os fiéis, subiu os degraus da igreja e entrou, perdendo-se no vaivém das pessoas que se movimentavam dentro da igreja.

Nesse meio tempo dois outros policiais também despachados para a loja assaltada haviam descido o beco e encontrado Shean à espera, no automóvel, prendendo-o. O promotor público do Estado de Connecticut, que não tardou a ter ciência do ocorrido, designou o ás dos seus investigadores, o detective Edward Hickey, para interrogá-lo.

Hickey já tinha uns 12 anos de experiência em grandes investigações quando lhe confiaram o caso do assassinio do guarda Skelly. Trabalhara oito anos, como detective de 1.^a classe, com a agência de investigações particulares Pinkerton, de Nova York. Fôra incumbido de algumas das mais difíceis e reservadas missões secretas da Marinha durante a Primeira Guerra Mundial. De maneiras cativantes, era o gordo típico, afável, aparentemente inofensivo, que dificilmente se destaca em meio a uma multidão. Se o fabuloso Gerald Chapman tivesse visto o homem que ia tê-lo sob a sua mira, haveria de achar graça. E não poderia estar mais enganado.

Bastaram apenas algumas horas de interrogatório para que Hickey rompesse as débeis resistências de Shean, levando-o, na sua pusilanimidade, a mencionar Chapman como o assassino.

A revelação era interessante. Gerald Chapman fugira da penitenciária de Atlanta e do hospital de Athens em princípio de 1925. Fôra ativamente procurado e tinham sido ouvidos numerosos rebates falsos, mas só depois do assassinio do guarda Skelly em New Britain, Estado de Connecticut, em outubro de 1924, obteve a polícia um indício definido em que se basear.

Walter Shean respondeu a tôdas as perguntas que lhe foram feitas, mas tôdas as suas informações levaram a um beco sem saída. Chapman fôra tão sagaz e prevenido nos seus atos, que Shean nada sabia das suas aventuras passadas.

O depósito da Agência de Publicidade Shean foi mais útil. Estava abarrotado de coisas roubadas. Dentro dêle foram encontrados tapêtes orientais e casacos de peles de alto preço, além de dois mil pares de meias de sêda, caixas com prataria, estojos com jóias, pedras preciosas não engastadas, anéis, relógios, colares e braceletes, valendo tudo uma pequena fortuna. Havia também armas de fogo: pistolas automáticas, revólveres, espingardas de carregar pelo cano e metralhadoras de mão, além de brocas elétricas, pés-de-cabra, limas, garrafas de nitroglicerina, pavios e outros instrumentos próprios da profissão. Isso era prova, sem dúvida, de que Chapman era um gatu-no profissional extraordinário. Mas durante dias a fio Edward Hickey examinou e reexaminou em vão essas coisas encontradas no depósito. Nada

encontrou que lhe indicasse por onde começar, em sua busca de Chapman, aparentemente inútil. Porque Chapman desaparecera—desaparecera tão completamente como se nunca houvesse existido.

Mas surgiu por fim o golpe de sorte com que sonham todos os detectives, o pequenino indício, quase imperceptível, que faz pender o prato da balança. Havia no depósito uma maleta de viagem vazia, esfacelada e amassada. Fôra atirada para um canto e com tôda a certeza estivera algum tempo sob caixas maiores e mais pesadas. Nela se viam alguns velhos rótulos de viagem rasgados, manchados e sujos, mas Hickey já os tinha examinado várias vêzes sem proveito.

Quase desesperado, tornou a examinar a maleta e tentou decifrar as etiquêtas. E enquanto pensava, com a maleta amassada sôbre os joelhos, seus dedos curtos passavam indolentemente, de um lado para o outro, sôbre um dos rótulos. De repente, uma pontinha do rótulo se levantou sob o seu polegar e dobrou-se, revelando outro rótulo debaixo.

Hickey se levantou rapidamente da cadeira e entrou no pequeno laboratório instalado junto ao seu gabinete. Ali, com uma grande paciência, retirou da mala o rótulo superposto. Por baixo dêste surgiu claramente outro, da American Railway Express, tendo o seguinte enderêço, escrito em tinta vermelha indelével: Dr. Harry Spickermon, Mulberry Street, 123, Muncie, Indiana.

Vinte e quatro horas depois dessa

descoberta Hickey tinha os seus auxiliares instalados no Hotel Braun, em Muncie, situado quase em frente à residência e consultório do Dr. Harry Spickermon. Tinham ordens para vigiar a casa incessantemente, 24 horas por dia, para o caso de Chapman aparecer ali algum dia.

Três meses depois, na tarde do dia 17 de janeiro de 1925, a vigilância foi compensada. A guarda tinha sido rendida no quarto do hotel, e um dos homens que estavam de folga fôra até ao jornaleiro comprar um vespertino. Estava à espera do trôco quando ouviu uma voz a seu lado.

—O *Times* de Nova York, por favor.

A inflexão era correta, o sotaque quase inglês, e a voz tinha uma modulação controlada um tanto conscientemente.

O investigador olhou para o estranho. Estava inpecavelmente trajado: chapéu de feltro cinza, sobretudo prêto trespasado, terno cinza, luvas e o laço da gravata muito bem dado. Uma fita preta, não muito larga, pendia-lhe do *pince-nez* com aros de prata, e o bigode pequeno, bem aparado, levemente grisalho, dava-lhe uma aparência distinta.

Durante semanas os investigadores tinham estudado todos os disfarces possíveis que se sabia terem sido usados por Chapman, e o auxiliar de Hickey reconheceu-o imediatamente. Mas não o prendeu, pois havia recomendações expressas para que ninguém tentasse fazê-lo estando só, uma vez que Chapman era conhecido



como assassino impiedoso. Limitou-se a observá-lo quando êle deixou a banca de jornais, atravessou a rua e entrou na casa do Dr. Spickermon.

Um destacamento especial da polícia foi pôsto de sobreaviso e a noite se passou em observação, à espera. Às 10h 45m da manhã seguinte abriu-se a porta da residência de Spickermon e Chapman, conduzindo uma pasta, saiu, ajeitou o sobretudo e seguiu rua abaixo.

Atrás dêle, discretos no meio dos transeuntes habituais, e talvez a meio quarteirão de distância, surgiram dois homens, como que do nada, a seguir-no. Quando Chapman se deteve num cruzamento e esperou que o sinal abrisse, seus acompanhantes diminuíram o intervalo que os separava para uns 20 metros.

Quando êles se aproximaram mais, um automóvel parou em frente dêle junto ao meio-fio.

—Muito bem, Chapman—disse

uma voz do interior do carro—você está debaixo das nossas miras.

Gerald Chapman rodopiou e sacou do revólver. Mas um dos detectives que o seguiam segurou-lhe a mão quando êle acionou o gatilho, desviando o tiro e fazendo-lhe saltar a arma da mão.

Chapman praguejou obscenamente ao cair. Atracando-se furiosamente com o seu agressor, procurava meter-lhe as unhas na garganta, enfiar-lhe os dedos nos olhos, vibrando-lhe violentos pontapés. Os dois homens lutaram ferozmente, rolando no chão, até que o detective de súbito se libertou de Chapman e deu-lhe um sôco no queixo que o fêz tontear. Esmurrou-o repetidamente até que Chapman ficou estendido de costas, atordado e quase inconsciente.

A CAPTURA de Gerald Chapman em Muncie, Indiana, redundou imediatamente em complicações de ordem legal. Tendo fugido da penitenciária de Atlanta, o Govêrno Federal dos Estados Unidos estava ansioso por vê-lo de volta ao cárcere. Por outro lado, o Estado de Connecticut interessava-se em processá-lo pelo assassinio de Skelly. A sua prisão fôra efetuada por elementos da polícia do Estado de Indiana. A que jurisdição estava sujeito o caso?

O Govêrno Federal ganhou a primeira batalha. Assim que se anunciou a prisão de Chapman, inspetores do scorreios o agarraram e reencaaminharam-no para Atlanta. O assunto podia ter-se encerrado ali, não fô-

ra um outro homem que pensava de outro modo: O promotor público Hugh Alcorn,* do Estado de Connecticut.

Desde o assassinio do policial em New Britain, uns três meses antes, Alcorn estivera colhendo paciente-mente as provas necessárias para a denúncia de Gerald Chapman. Apesar de mudado o número do motor, êle localizara o automóvel Lincoln furtado, e êsse indício o levava a Steubenville, Estado de Ohio. Aí a empregada da Stanton Motor Co., Catherine Boorn, reconheceu o retrato de Chapman. Dois sacos de anagem encontrados no depósito de Shean levaram a Ben e Mary Hance, os simplórios e crédulos agricultores que imaginavam conhecer tão bem "Waldo Miller". Peritos em balística comprovaram que os projetis disparados do 38 niquelado apreendido em poder de Chapman no momento da sua prisão e que Alcorn imediatamente requisitou e obteve, exibiam os mesmos sinais dos que tinham causado a morte do oficial Skelly.

A Promotoria Pública estadual dispunha de elementos seguros para a condenação. Dirigiu-se então o promotor ao Ministério Público Federal, que, embora o caso não tivesse precedentes, concordou em que Chapman fôsse submetido à justiça do Estado de Connecticut. E umas duas semanas após a sua captura, Gerald Chapman foi removido para Connecticut, a fim de ser processado por homicídio.

* O pai do autor.

O julgamento começou em Hartford, no dia 24 de março de 1925. No tribunal, Chapman mantinha-se recostado na sua cadeira com uma indiferença teatral. Seus modos revelavam que, para êle, o julgamento era uma tediosa inconveniência, um intervalo aborrecido em sua carreira. Era uma bazófia calculada para excitar a imaginação do público e da imprensa. E êle o conseguiu.

Chapman era "o Conde de Gramercy Park", o homem que planejara um dos maiores roubos da história a uma mala postal. Era "o jovem e simpático inglês" que divertira a sociedade nova-iorquina. Ali estava o artista da fuga, o homem que se evadira da penitenciária de Atlanta e do hospital policiado de Athens. Era o homem que se eclipsara por completo tornando-se evidente. De algum modo, êsse quadro do rei dos bandidos acossado despertava uma anormal simpatia. Cartas piegas a favor de Chapman apareciam em jornais importantes.

Por fim se instalou o Tribunal e começou o julgamento. O promotor público apresentou as suas provas com clareza. Fêz ouvir testemunhas: a Sr.^{ta} Catherine Boorn, Ben Hance, Walter Shean, os peritos em balística.

A defesa sofismou. Gerald Chapman confessou tudo com audácia—tudo, até certo ponto. Confessou que roubara o Lincoln, que conhecia Ben e Mary Hance, assim como Walter Shean, que lhe pertenciam as coisas furtadas encontradas no depósito da Agência de Publicidade Shean. Mas

negou ter estado em New Britain por ocasião do crime. E os seus advogados pediram o depoimento dos seus próprios peritos em balística, os quais afirmaram ser possível que outras armas, que não a de Chapman, deixassem sinais idênticos aos encontrados nas balas assassinas.

O júri não se deixou impressionar. Às 10 horas e 29 minutos da manhã do dia 4 de abril de 1925 o primeiro jurado ergueu-se para dar o veredicto. Sua voz era firme quando pronunciou a palavra: Culpado.*

Gerald Chapman não estava perturbado ao se levantar perante o Tribunal para ouvir a sentença. Notavam-se mesmo uns laivos de desdém em sua fisionomia enquanto o juiz proferia, em tom solene, a sentença de morte, marcando o dia 25 de junho de 1925 para o seu enforcamento.

CHAPMAN não foi enforcado no dia 25 de junho de 1925.

Imediatamente após a condenação seu defensor entrou com um recurso que obrigou o governador do Estado a transferir a execução para o dia 3 de dezembro daquele mesmo ano. Procurando tôdas as brechas legais possíveis, levantaram os advogados de Chapman, em continuação, uma outra questão processual, que consistia em saber se o Estado de Connecticut tinha o direito de executar o condenado, tendo êle ainda mais

de 24 anos de pena de prisão a cumprir, em virtude de decisão proferida na justiça federal. Do ponto de vista processual a dúvida era interessante. Mas o promotor estadual replicou indo a Washington, onde obteve do Presidente Coolidge, em documento por êle assinado, a comutação da pena cominada a Chapman pela justiça federal.

Gerald Chapman estava agora mais perto do laço do carrasco.

Se os seus advogados faziam todo o possível para salvá-lo da execução, o seu antigo sócio no crime, Dutch Anderson, fazia o que podia para intimidar pessoas ligadas ao processo e vingar-se delas. Durante o julgamento dezenas de cartas ameaçadoras tinham sido remetidas às testemunhas, ao promotor público estadual, ao juiz e até ao governador. Uma delas, particularmente sinistra, datada de 4 de abril de 1925, exatamente o dia em que Gerald Chapman fôra condenado, procedia de Chicago e destinava-se ao promotor público. Dizia ela:

“Você agarrou Chapman. Agora, aqui está o que nós vamos fazer: 1.º) Limpar os ratos de Steubenville. 2.º) Pegar Ben Hance. 3.º) Pegar você.”

Daí a poucos dias amigos de Chapman cumpriram a primeira ameaça. A garagem de Steubenville, da Stanton Motor Co., de onde fôra roubado o Lincoln e cuja empregada, Catherine Boorn, prestara importantíssimo depoimento para a acusação, foi inteiramente incendiada, com prejuízos de mais de 200.000 dólares.

* Na organização norte-americana do Tribunal do Júri, o Conselho de Sentença limita-se a responder a uma única pergunta, que diz respeito ao réu: Inocente ou Culpado?

Quatro meses depois, na tarde do dia 14 de agosto, Dutch Anderson cumpriu a segunda ameaça, vingando-se de Ben Hance, cuja ingenuidade e sinceridade evidentes o tinham convertido em testemunha eficaz para a acusação. Dutch e Wolfe, o "Maneta", foram ao Estado de Indiana, mandaram uma mulher do bando telefonar a Hance, afastando-o assim da fazenda para o que êle supunha uma entrega rotineira de hortaliças. Mary acompanhou-o no Ford Modelo T do casal.

Êles não foram além da encruzilhada da Rodovia de Middletown. Um *sedan* enorme obrigou o Modelo T a sair da estrada naquele ponto, e Dutch e o "Maneta" crivaram de balas os ocupantes—um dos assassinatos mais frios e brutais dos nossos tempos. Mary morreu instantaneamente, mas Ben ainda viveu o bastante para dar o nome dos seus assassinos a um motorista que parou para investigar. A polícia agiu com presteza, e ao cair da noite Wolfe foi capturado. Dutch, entretanto, havia desaparecido.

Mas Dutch não teve ensejo de cumprir a terceira ameaça— a de eliminar o promotor público estadual. Quando se mantinha temporariamente oculto em Muskegon, no Estado de Michigan, esperando que amainasse o rumor do assassinio dos Hances, a sorte o traiu. Noite alta, no dia 31 de outubro de 1925, o caixeiro de uma drogaria de Muskegon notou a cédula falsa que êle usara para pagar um sorvete. O gerente da

loja comunicou-se com um guarda, que saiu no encalço de Dutch, encurralando-o afinal num beco mal-iluminado. No duelo que se seguiu morreram ambos.

AO TER NOTÍCIA dêstes, Gerald Chapman ficou visivelmente abalado. Com a morte de Dutch êle perdia a esperança de uma fuga de última hora, de alguma espécie de auxílio engendrado pelo cérebro astuto de seu cúmplice de tantos anos.

Mas continuou lançando mão dos recursos legais. Adiamentos, apelações, audiências, suspensões da execução, súplicas, tudo foi tentado indefinidamente. Por fim, o caso foi levado à Côrte Suprema do país, onde os advogados de Chapman alegaram que o Presidente dos Estados Unidos da América não podia comutar uma pena contra a vontade do condenado. Mas a Côrte Suprema declarou válida a comutação.

Em 5 de abril de 1926, um ano após a sua condenação e precisamente 14 horas antes do momento marcado para a sua execução, Chapman se apresentou ao Conselho de Perdões para fazer o seu último apêlo. E perante o Conselho, com calma e displicência, expôs a sua pretensão, amaldiçoando o promotor público estadual e negando qualquer conhecimento da morte dos Hances. O Conselho ouviu todos os seus argumentos e proferiu em seguida a decisão: Chapman deveria mesmo morrer à meia-noite.

Havia no ar uma névoa tênue

quando o sino da igreja de Wethersfield deu 12 badaladas. O capelão da prisão, que antes encontrara o prêso impenitente quando lhe fôra oferecer consôlo, voltou à cela dos condenados à morte, dessa vez acompanhado do diretor do presídio e quatro guardas.

Sem uma palavra, Chapman marchou com êles para a câmara de execução e manteve-se impassível enquanto lhe atavam braços e per-



Gerald Chapman

segundos depois, Gerald Chapman, "o Conde de Gramercy Park", estava morto.

nas e colocavam sôbre a cabeça a mortalha negra. Ouviu-se um palavrão abafado debaixo do capuz quando um dos guardas ajustou o nó do laço atrás da orelha direita de Chapman.

A um sinal, o diretor empurrou com o pé uma pequena alavanca no chão e o alçapão se abriu. Alguns



Idéias Juvenis

UMA PROFESSÔRA de uma escola-maternal entregou a uma das crianças uma revista e sugeriu-lhe que cortasse a figura de alguma coisa que achasse que o pai dela haveria de gostar. A criancinha de quatro anos virou as páginas e, em seguida, sem a menor hesitação, meteu a tesoura numa página e cortou a figura de uma garrafa de gim. —AP

UMA MÃE ouviu, espantada, o filho pequeno instar com o irmãozinho: —Tome, Johnny, prove êste doce. Tem gôsto de gafanhoto.

—Lydel Sims, em *Commercial Appeal* de Memphis

A ESCASSEZ de tarefas úteis para crianças nas casas mecanizadas de hoje foi evidenciada quando um grupo de jardim de infância, planejando um passeio ao jardim zoológico, foi animado a trabalhar para ganhar a entrada, em vez de pedir aos pais que pagassem. Mais tarde, a professôra pediu a cada criança que lhe dissesse como tinha ganho o dinheiro. Um de cinco anos declarou orgulhosamente:

—Derramei o sabão dentro da máquina de lavar pratos. —H. M. M.